

## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Alexandre Macieira/Riotur

A frigideira como elemento percussivo: uma inovação trazida pela bateria da Império Serrano

## Um império entre o cais e a avenida

**HÁ FUNDAÇÕES QUE SE ANUNCIAM EM ATA.** Outras, em levante. O Império Serrano nasceu assim: não como convite, mas como resposta. Em 1947, na Serrinha, um grupo de homens - e, sobretudo, uma mulher, Eulália Nascimento, a Tia Eulália - decidiu que já não carregaria o peso do desmando. Eram estivadores, em sua maioria, gente do cais, vinculada ao Sindicato dos Arrumadores do Porto - homens que sabiam organizar cargas, mas, sobretudo, sabiam perceber quando a balança estava injusta.

**ATÉ ENTÃO, MUITOS DELES DESFILAVAM** pelo Prazer da Serrinha, fundado em 1930. Mas o samba, ali, já não era o mesmo. Não por falta de talento - este sobrava -, mas por falta de rumo. E quando o rumo falta, o povo cria caminho.

**A DISSIDÊNCIA NÃO FOI UM CAPRICHIO.** Foi um gesto político, ainda que embalado em tamborim. Nomes como Silas de Oliveira, Eloi Antero Dias, Sebastião Molequinho e Mestre Fuleiro entenderam que não bastava desfilar - era preciso agir. **E ASSIM, ENTRE A POEIRA DA SERRINHA** e a dignidade ferida, fundaram um império que não tinha coroa sobre a cabeça de ninguém, mas tinha consciência.

**HAVIA ALI UMA INVERSÃO BONITA:** homens do porto, acostumados a ver navios partirem, decidiram ancorar uma ideia. Transformaram o ritmo em linguagem, o desfile em narrativa, o samba em instrumento de memória. O Império Serrano não queria apenas vencer carnavais - queria contar histórias que o Brasil esquecia de contar. E contou.

**DEPOIS DE UM TEMPO SEGUINDO A** cartilha chapa-branca que dominava o carnaval carioca, a verde e branco passou a investir em enredos que falaram de heróis populares, de episódios negligenciados, de um país que se constrói longe dos palácios. Na avenida, o Império não pedia licença: ensinava. Mostrava que o samba pode ser também pensamento - crítico, elegante, necessário.

**TALVEZ POR ISSO SUA TRAJETÓRIA** seja feita de ciclos, como a própria história social que o gerou. Porque quem nasce de uma ruptura carrega consigo a inquietação permanente. O Império nunca foi escola de acomodação. Foi escola de identidade.

**AGORA, AOS 79 ANOS, COMEMORADOS** na última segunda-feira, já atravessando o limiar simbólico de seus 80, o Império Serrano celebra mais do que o tempo - celebra o gesto que o originou. A coragem de romper para existir. A lucidez de transformar indignação em beleza.

**NA SERRINHA, O TAMBOR AINDA BATE** como quem lembra: há quase oito décadas, um grupo de estivadores decidiu que também podia reger o próprio destino. E fez do samba não apenas festa, mas afirmação.

**UM IMPÉRIO NÃO PRECISA NECESSARIAMENTE** de um rei. Precisa de povo, propósito e memória. E isso o Império Serrano sempre teve de sobra.



Divulgação

Adélia Prado é uma das autoras que terão trechos de sua obra apresentados durante a oficina

# Mulheres que têm algo a dizer

Centro Cultural Hélio Oiticica recebe projeto que destaca grandes vozes femininas da literatura brasileira

AFFONSO NUNES

O Centro Cultural Hélio Oiticica recebe neste sábado (28) o projeto “Letras Femininas da Literatura”, uma programação que mergulha na obra de autoras fundamentais da literatura brasileira por meio de leituras dramatizadas. O encontro reúne textos de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus e Adélia Prado, interpretados pelas atrizes Cristina Pereira, Sura Berditchevsky, Dja Marthins e Biancka Fernandes.

O projeto percorre mais de um século de produção literária feminina — de Julia Lopes de Almeida, no fim do século XIX, a nomes contemporâneos — e articula literatura, teatro e reflexão crítica. Cada encontro contará com a participação de pesquisadoras e

convidadas especiais, como Ana Prado, filha de Adélia Prado.

Clarice Lispector (1920-1977) é uma das mais destacadas escritoras do modernismo brasileiro. Nascida na Ucrânia e radicada no Brasil, obteve reconhecimento literário já aos 23 anos com “Perto do Coração Selvagem” (1943), romance que abriu novas tendências na prosa brasileira com seu fluxo de consciência introspectivo. Obras como “A Paixão Segundo G.H.” (1964) e “Água Viva” (1973) consolidaram sua reputação como autora de profunda investigação psicológica e linguagem inovadora.

Lygia Fagundes Telles (1918-2022), conhecida como a “Grande Dama da Literatura Brasileira”, foi uma das nossas mais aclamadas escritoras. Sua carreira começou em 1944 com “Praia Viva” e incluiu obras como “Ciranda de Pedra” (1955) e “As Meninas” (1973), romances que exploram

a complexidade psicológica de personagens femininos e as transformações sociais do Brasil. Trabalhou também como advogada, sendo uma das poucas mulheres em sua turma de direito.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é autora de “Quarto de Despejo” (1960), diário que documenta a vida em uma favela de São Paulo e se tornou referência na literatura brasileira por sua perspectiva única sobre marginalidade e pobreza. Seu trabalho trouxe visibilidade a narrativas frequentemente silenciadas.

A mineira Adélia Prado, hoje com 90 anos, é conhecida por sua poesia que mescla o sagrado e o cotidiano, explorando temas de fé, amor e identidade feminina com linguagem acessível e profunda.

Segundo o idealizador do projeto, Rogerio Cavalcante e Castro, “a proposta é ampliar o reconhecimento da produção literária feminina no Brasil e criar um espaço de encontro entre literatura, teatro e pensamento crítico”.

Para a atriz Cristina Pereira, a experiência também funciona como contraponto ao consumo superficial de conteúdo: “A oficina permite o contato mais profundo com as obras e reforça o valor da literatura em um cenário dominado por estímulos rápidos e, muitas vezes, pouco densos”.

### SERVIÇO

#### LETRA FEMININAS DA LITERATURA

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 — Praça Tiradentes) | 28/3, das 13h às 18h | Entrada franca

“A oficina permite o contato mais profundo com as obras e reforça o valor da literatura em um cenário dominado por estímulos rápidos e, muitas vezes, pouco densos” **CRISTINA PEREIRA**